

OS 
AVENTUREIROS

O ENIGMA DO FORTE

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: EDUARDO OLIVEIRA



OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, *João*, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 4º, 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: www.isabelricardo.pt e visita a página de Facebook:

www.facebook.com/SerieOsAdventureiros

E-mail para leitores: adventureiros@isabelricardo.pt

E-mail para professores: encontroscomaautora@isabelricardo.pt





Olá, malta!

A Bia, o Daniel, o Tó Jú, o Cris e, claro, o corvo *João* estão de regresso com uma nova e empolgante aventura. Vão participar numas jornadas de orientação na bela cidade de Elvas e acabam por se envolver numa perigosa aventura, repleta de mistério e ação.

Quando escrevi *Os Aventureiros e o Segredo do Ouro Negro*, que decorre no interessante Centro de Ciência do Café, em Campo Maior, ao passar por Elvas, apaixonei-me de imediato pela cidade e tive pena de não a conhecer melhor, ficando guardado o desejo de voltar e, pensava eu na altura, vir a escrever um livro dos AVENTUREIROS passado inteiramente lá. A oportunidade proporcionou-se após ter sido convidada para participar na primeira Residência Literária, inserida no projeto inovador “Turismo Literário de Elvas — Chave do Reino”, e durante três dias percorri a cidade, acompanhada pelo simpático guia, Miguel Antunes, e pela Tânia Rico, responsável técnica da Biblioteca Municipal. Voltei depois para escrever este livro.

Adorei visitar os Fortes da Graça e de Santa Luzia e todos os locais que descrevo no livro. De facto, Elvas é uma cidade deslumbrante e possui um património invejável. Respira-se História por onde quer que passemos. É como se fizessemos uma viagem no tempo. Irão adorar conhecê-la também!

Tive sempre o privilégio da companhia animada da Tânia Rico, além da Margarida Ribeiro, que me fez a visita guiada a Elvas; da Vera Guelha e do Edgar Nanques, que me mostraram e facultaram todas as informações que precisava sobre os Fortes de Santa Luzia e da Graça; e também do coronel

Nuno Duarte que me andou a mostrar o Museu Militar e me contou a bonita história do Roque Antunes. A todos o meu agradecimento pela paciência às minhas intermináveis perguntas e curiosidade, e desculpas por aparecerem como personagens. Foram três dias fabulosos!

Deixo ainda o meu reconhecimento à equipa do Hotel Dom Luís pela agradável estadia que me proporcionou enquanto fiz a pesquisa para este livro.

Tive o privilégio de conhecer a maioria dos elementos do recentemente fundado Clube de Autores de Elvas e achei piada fazer-lhes a surpresa de os colocar também no livro.

Obrigada a todos pela hospitalidade, apoio e carinho demonstrados. Espero retribuir à altura com este livro.

Quero agradecer igualmente aos meus amigos José Henrique e Hugo Silva, ao primeiro pelas ideias que me deu, indo ao encontro das minhas, e inspirando-me para o enredo deste livro, e ao segundo pela sugestão de umas jornadas de orientação em Elvas para os AVENTUREIROS participarem, além de imensos títulos possíveis: 13! Foram duas viagens muito divertidas!

Espero que se divirtam tanto com este novo livro como eu me diverti! Ah!, e não procurem a sala invisível do Forte da Graça! Só acharão a salinha das pinturas misteriosas, mas aviso já que vão demorar até a conseguirem encontrar! É um dos mistérios deste Forte maravilhoso!

Este livro assinala os 25 anos desta coleção!

Um abraço da vossa amiga

A handwritten signature in cursive script, reading 'Isabel Ricardo'.

Um agradecimento especial às Bibliotecas Municipais de Alcobaça, Benavente, Elvas, Penela, Peniche e Vila Nova de Cerveira. Foi fabuloso conhecer-vos a todos.

Aos Agrupamentos de Escolas de Alcobaça, Crato, Vila Nova de Cerveira, Cidade do Entroncamento, São Gonçalo, Torres Vedras, Rainha Santa Isabel, Leiria, Vieira de Leiria, Infante D. Pedro, Penela, Portela e Moscavide, pela forma calorosa como me receberam.

À E.B.S. de Vila Nova de Cerveira, E.B.I. de Penela, E.B. Dr. Anastácio Gonçalves, Alcanena, E.B. São Gonçalo, Torres Vedras, E.B.2 Padre Franklin, Vieira de Leiria, E.B. Dr. Ruy d'Andrade, Entroncamento, E.B.2,3 D. Luís de Ataíde e E.B.2,3 de Peniche, E.B.2,3 de Atouguia da Baleia, E.B.2,3 Almeida Garrett, Alfragide, E.B. Rainha Santa Isabel, Lisboa, E.B. Carlos Gargaté, Charneca de Caparica e E.B.I. de Minde.

Aos Centros Escolares de Benedita, São Martinho do Porto, Alfeizerão, Cela, Turquel e Alcobaça; Cerveira, Norte e Covas; Penela, Cumeeira e Espinhal. E.B.1 de Ribafria, Vimeiro, Aljubarrota, Carvalhal de Aljubarrota, Carris, Évora de Alcobaça, Vestiaria, Bárrio, Maiorga, Alpedriz, Martingança, Pataias e Burinhosa.

Escolas Básicas da Zona Verde, Bonito e António Gedeão; E.B. de Torres Vedras, São Pedro da Cadeira, Carvoeira, Runa, Dois Portos e Centro Educativo da Ventosa; E.B.1 de Serra Porto de Urso, Carreira, Outeiro da Fonte, Vale de Pedra, Bajouca, Carvide e Centro Escolar de Coimbrão; E.B.1 de Praia da Vieira e E.B.1 António Vitorino; E.B.1/J.I. da Quinta Grande e E.B.1 de Alfragide; E.B.1/J.I. da Portela, Dr. Catela Gomes e Quinta da Alegria.



CAPÍTULO I

Elvas!

— Ó Elvas, ó Elvas! Badajoz à vista!¹ — cantarolou um homem de rosto simpático, ao volante do seu carro, enquanto deitava um olhar pelo retrovisor, para observar os filhos que iam sentados no banco de trás, cuja expressão de surpresa lhe arrancou um sorriso divertido.

«Ó Elvas, ó Elvas! Badajoz à vista!», imitou de imediato um corvo de olhar esperto que ia poisado no ombro de uma rapariga muito bonita, de cabelos encaracolados, belos olhos verde-claros e umas engraçadas sardas no nariz.

Bia e Cris entreolharam-se, banzados.

O corvo começou a abanar-se para um lado e para o outro, decerto encantado com a nova frase com que o pai da sua adorada dona, amavelmente, o presenteara.

João era um corvo muito especial porque conseguia imitar todos os sons e vozes, inclusive frases inteiras, para admiração e satisfação de quem o conhecia, além de que adorava pregar partidas também, principalmente a pessoas com que antipatizava... As suas penas eram tão negras que, quando o sol incidia nelas, até pareciam azuis.

— Ó Miguel, sinceramente! Para o que te havia de dar! Agora o *João* nunca mais se vai calar com esta frase nova! — comentou a senhora que ia ao lado do condutor, desolada.

— Não me consegui controlar, querida. Bem tentei e quase mordi a língua, mas não pude deixar de o fazer assim que avistei Elvas — disse ele, à laia de desculpa. — Aliás, é melhor tapares os ouvidos, desculpa, pois tenho de cantar

¹ Canção de Paco Bandeira. (Nota da Autora)

outra vez. Ó Elvas, ó Elvas! Badajoz à vista! Sou contrabandista de amor e saudade, transporto no peito a minha cidade!

Ana Maria abanou, desaprovadora, a cabeça, mas pouco depois já sorria ao ouvir os filhos a fazerem coro com o pai, cantando a plenos pulmões. Acabou por se juntar a eles também, divertida. *João* é que pareceu não achar grande graça, pois emudeceu, amuado com a algazarra de quatro pessoas a cantarem, não lhe deixando falar como de costume.

Já se avistava Elvas, a maior cidade medieval fortificada da Europa, e uma das mais bem preservadas do mundo, com o seu perímetro de dez quilómetros, rodeada de muralhas e baluartes, num regalo para os olhos, derramando encanto e mistério.

Bia deu uma cotovelada no irmão, entusiasmada.

— Vocês sabem que a UNESCO² classificou Elvas como Património da Humanidade, em 2012, com o título *Cidade-Quartel Fronteiriça de Elvas e suas Fortificações*? Possui o maior conjunto de fortificações abaluartadas do mundo, onde estão incluídas as muralhas, o centro histórico, o Castelo, os Fortes de Santa Luzia e da Graça, os fortins de São Mamede, São Pedro e São Domingos, além do Aqueduto da Amoreira — informou Miguel, de uma enfiada só. — É de tal modo grandiosa que foi nomeada Património da Humanidade.

Os filhos agitaram-se no banco, animados.

— Nós sabemos disso, pai. A madrinha já nos tinha contado. Tem um património impressionante. Se bem me lembro, além do castelo, fortes, fortins e muralhas, tem vinte igrejas, sete conventos, dezanove fontes... — enumerou Bia, fazendo um esforço de memória para se recordar. Ao ver o aceno afirmativo de Cris, sorriu, satisfeita.

² UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. (N. da A.)

— Bem, confesso que isso não sabia. Ontem estive a fazer pesquisa na *Internet* sobre a cidade, para ter algo para vos contar, e descobri imensas coisas interessantes que ignorava — disse Miguel, sorrindo. — Devido à sua posição estratégica na fronteira com Espanha — Badajoz fica só a oito quilómetros —, Elvas foi a mais importante praça-forte da fronteira portuguesa, sendo chamada por isso de “Rainha da Fronteira”. Foi importantíssima na defesa do território português, resistindo a muitos cercos.

«Ó Elvas, ó Elvas! Badajoz à vista!»

— Eu bem disse que o *João* não se iria calar com isto! — comentou Ana Maria, fazendo estalar a língua, som imediatamente imitado pelo corvo, que a fitou com a cabeça de lado e os seus olhitos negros piscando. Ela acabou por sorrir.

Estavam a entrar em Elvas e o magnífico Aqueduto da Amoreira³, um dos símbolos da formosa cidade, erguia-se majestoso diante dos seus olhos, com uma extensão de mais de sete quilómetros e os seus 833 arcos distribuídos por quatro ordens de arcadas.

— Este aqueduto é impressionante! É gigantesco! — notou a mãe, debruçando-se para a frente para o apreciar melhor.

«Safa! É gigantesco!», fez *João*, enfim conseguindo palrar alguma coisa, pois a cantoria terminara.

Cris deitou-lhe um olhar de admiração, porque se lembrava de que o corvo dissera precisamente aquela frase⁴ há uns tempos, quando haviam passado por lá e ficado deslumbrados com a imponência do aqueduto.

— É o Aqueduto da Amoreira, mãe. É o maior da

³ Construído pelo arquiteto Francisco de Arruda, por ordem de D. João III, foi iniciado em 1537 e terminado em 1622. Este aqueduto leva água da Amoreira até à fonte do Largo da Misericórdia. Classificado como Monumento Nacional desde 1910. (N. da A.)

⁴ N.º 12 da coleção: *Os Aventureiros e o Segredo do Ouro Negro*. (N. da A.)

Península Ibérica e, com a sua construção, foi resolvido o problema da falta de água dentro da cidade. A Babinha⁵ contou que se inicia em galerias subterrâneas, com mais de seis metros de profundidade, alongando-se por 1367 metros, e depois, ao nível do solo, estas arcadas prolongam-se por mais de cinco quilómetros, e algumas ultrapassam até os trinta metros de altura.

Bia olhou surpreendida para o irmão, impressionada com a sua memória, enquanto fazia festas no seu amigo de penas.

Cris deitou-lhe a língua de fora, com ar brincalhão, e ela sorriu.

— Vamos arrumar o carro pertinho do aqueduto porque o nosso hotel fica em frente e iremos a pé para dentro da cidade. Como é tão antiga, não há muitos sítios para estacionar os carros e assim aproveitamos melhor a cidade, conhecendo-a a pé.

— E o Daniel e o Tó Jú já estão cá mesmo? — perguntou Bia.

— Sim. Vieram com a tua madrinha ontem à noite.

Tó Jú e Daniel eram os primos que viviam na Nazaré, enquanto Bia e Cris residiam em Lisboa. Uns verões atrás, tinham-se conhecido na encantadora praia e, embora no início tivessem antipatizado uns com os outros, haviam acabado por se tornar grandes amigos, vivendo uma emocionante aventura⁶ que envolvera uns patifes perigosos, grutas desconhecidas, lingotes de ouro nazi e até esqueletos!

— Baril! — exclamou Bia e o irmão concordou com um sorriso. — Que bom a madrinha ter vindo para cá.

— Sim. Está a fazer pesquisa para um livro que é passado

⁵ Madrinha de Bia e Daniel, tratada por *Babinha* pelo Cris, e por *Binha* pelo Tó Jú. (N. da A.)

⁶ N.º 1 da coleção: *Os Aventureiros na Gruta do Tesouro*. (N. da A.)



em Elvas. Há uns meses veio cá, a convite do município, para participar de uma residência literária, numa iniciativa sobre turismo literário, e depois apaixonou-se pela cidade.

— Foi uma bela ideia ter-nos convidado para as jornadas juvenis de orientação.

— Não percebo muito bem como decorrem, mas vou adorar! — exclamou Bia, com uma expressão radiante.

— Não sei como a minha prima teve tal ideia porque ela não tem orientação nenhuma! — observou Miguel, com uma risada, imitada na perfeição pelo corvo.

— Bem sabemos, pai. Quando fomos visitar o Centro de Ciência do Café⁷, em vez de virarmos para o Alentejo, já íamos na direção do Algarve! E por isso chegámos depois tardíssimo a Campo Maior...

— E viveram lá uma aventura de arrepiar os cabelos, durante a noite, no CCC — comentou a mãe, aborrecida. — Havia jurado a mim mesma não vos deixar juntar aos quatro outra vez. Sempre que isso acontece, as aventuras caem-vos no colo! Não sei o que vocês têm que atraem essas situações perigosas. Eu e a vossa tia Cristina já temos uma boa quantidade de cabelos brancos às vossas custas!

«Disparates! *Ay, madre mia!*»

Miguel e os filhos riram-se e Ana Maria voltou a abanar a cabeça.

— Esse corvo não tem emenda!

Algum tempo mais tarde faziam o *check-in* no Hotel Dom Luís, entusiasmando-se ao verem que os quartos estavam voltados para o deslumbrante aqueduto. Depois dirigiram-se para a estrada junto ao aqueduto, espreitando, curiosos, uma informação que lá se encontrava sobre as rotas literárias da cidade.

Subiam já o passeio da esquerda, com plátanos e olaias espaçados, quando avistaram os primos no topo, que lhes acenaram, excitadíssimos.

— **TÓ JÚ! DANIEL!**

«TÓ JÚ! DANIEL! Ai, mãeee...»

⁷ N.º 12 da coleção: *Os Aventureiros e o Segredo do Ouro Negro*. (N. da A.)



CAPÍTULO II

João faz uma descoberta

Bia subiu a correr e o primo mais novo desceu da mesma maneira, abraçando-se encantados, desatando depois aos saltos, agarrados um ao outro, como se fossem malucos e não se vissem há meses. Os irmãos, apesar de terem sentido idêntico impulso, controlaram-se, acelerando somente o passo.

O corvo voava em redor de Bia e de Daniel, aos gritinhos esganiçados, que ouvira a uma miúda, uns dias antes.

Tó Jú e Cris chegaram perto deles e abraçaram-se também, tendo o mais velho aplicado dois beijos repenicados no rosto da prima, fazendo-a sorrir, som imitado com satisfação pelo corvo que voou imediatamente para o ombro de Tó Jú, puxando-lhe por um tufo de cabelo escuro.

— Olá, meu pirata! Tens-te portado com juízo? — perguntou Tó Jú, sorrindo, e coçando-lhe o alto da cabeça.

«Oo-láá! Há mouro na costa! *Ay, madre mia!*»

— Olá, *João!* — saudou também Daniel, e o corvo abandonou logo o anterior ombro para ir poisar no do rapaz, deixando-o extasiado.

— Felizmente, chegaram! O Daniel não parava quieto de maneira nenhuma. Até tive de o amarrar a uma árvore, para se aquietar — disse Tó Jú, com o ar mais sério do mundo, para indignação do irmão, arrancando uma gargalhada aos outros.

— Que injustiça! Estávamos ambos ansiosos pela vossa chegada.

— Tu bem mais do que eu. Além disso, não te calavas com aquela canção que a Binha cantou assim que chegámos.

«Ó Elvas, ó Elvas! Badajoz à vista!»

Tó Jú ficou a olhar assombrado para o corvo e Daniel esbugalhou os olhos e escancarou a boca de estupefação.

— Mas... Como é que ele sabia o que o Tó Jú ia dizer?!

Bia e Cris desataram a rir.

— Isso foi porque o pai também desatou a cantar desalmadamente essa canção mal avistou Elvas!

Tó Jú sorriu, divertido.

— Está então explicado o mistério!

«Ó meu, tu 'tás cada vez pior! *Mamma mia!*»

— Mesmo assim, ele é um espertalhão! — exclamou Daniel, invejando pela milionésima vez a sorte da prima por ter um companheiro daqueles, fazendo-lhe uma festa na cabeça.

— Que bela ideia a madrinha teve em nos convidar a participar neste evento.

— Que máximo! Jornadas Juvenis de Orientação Elvas – Chave do Reino.

— *Chave do Reino* porquê?

— Elvas era considerada chave do reino pela importância para a defesa de Portugal, sendo muito difícil de ser tomada.

— Altamente! E a madrinha?

— Está à vossa espera na Biblioteca Municipal.

Transpuseram a porta da cidade que descobriram chamar-se *Porta da Esquina*, conforme Bia leu em voz alta. Conforme caminhavam, iam apreciando tudo em seu redor, deslumbrados. Elvas parecia-lhes uma cidade linda, repleta de História.

— Então já conhecem *bué* da cidade, até aposto! — comentou Bia, com uma pontinha de inveja.

— Alguma coisa, mas vamos partilhar convosco. É claro que decidimos esperar por vocês antes de irmos aos fortes e ao castelo... — respondeu Daniel, recebendo um sorriso de

gratidão da prima. — Estou em pulgas para os conhecer! Já vimos muitas fotos e são fan-tás-ti-cos!

— Outra coisa que Elvas tem de bom é conseguirmos percorrer toda a cidade em algumas horas, sem nos cansarmos — disse Tó Jú, ignorando o «Disparates! Ai, mãeee!» do corvo traquina. — Vamos diretamente para a biblioteca, pois estão à vossa espera.

Embrenharam-se cada vez mais no centro histórico. Do lado direito, havia arcadas por baixo dos edifícios, que os protegiam do Sol, tendo logo aproveitado, porque realmente estava muito quente; do lado esquerdo, uma bonita torre erguia-se, altaneira. Pararam para a admirar.

— É a *Torre Fernandina* e acho que chegou a servir de prisão. Havemos de lá entrar. Deve ter uma vista de sonho! — comentou Tó Jú. — A biblioteca fica relativamente perto.

Minutos depois, paravam diante do edifício da *Biblioteca Municipal Elsa Grilo*, agradados especialmente pelo alpendre em mármore coberto com azulejos azuis e brancos

— Antes que perguntes, chama-se assim em homenagem à vereadora da Câmara Municipal, responsável pela candidatura de Elvas a Património Mundial — informou Tó Jú, com um piscar de olho, ao ver que a prima se preparava para perguntar o porquê do nome.

Bia sorriu.

— Pois... Normalmente, têm nomes de escritores, não é?

Entraram na receção da biblioteca, admirando-se pelo aspeto antigo do edifício, e por uma velha máquina tipográfica. Já lá se achava a madrinha de Bia e de Cris, acompanhada por uma senhora jovem e bonita, de cabelos pretos e sorriso acolhedor, com um vestido comprido florido. Por detrás do balcão, estava outra senhora e, perto de um expositor com livros, encontrava-se um homem idoso, baixo, de cabelos fartos e desgrenhados, longa barba grisalha e óculos.

— Olá, *João*! — saudou Binha, beijando os recém-chegados e dando um abraço ao primo. — Esta é a Tânia Rico, responsável pela biblioteca.

João saudou-a da forma habitual com um «Oo-láá!», muito educado, erguendo a cabeça com o «Oo» e baixando-a com o «láá!», pois bem sabia que encantava toda a gente.

Tânia sorriu, agradada e divertida com o cumprimento do corvo.

— Vou fazer-vos uma visita guiada à biblioteca. Temos muito orgulho nela — declarou, após as apresentações. — Possui uma coleção única e inédita, referente à história das Invasões Francesas em Elvas, cerca de quinhentos documentos que abarcam o período entre 1807 e 1814. Decerto que já devem ter dado essa matéria na escola — comentou, sorrindo ao vê-los acenar com a cabeça.

O velho voltou-se repentinamente para eles, curioso. Imediatamente se dirigiu à receção, enquanto o grupo de oito pessoas e um corvo transpunham uma porta à direita.

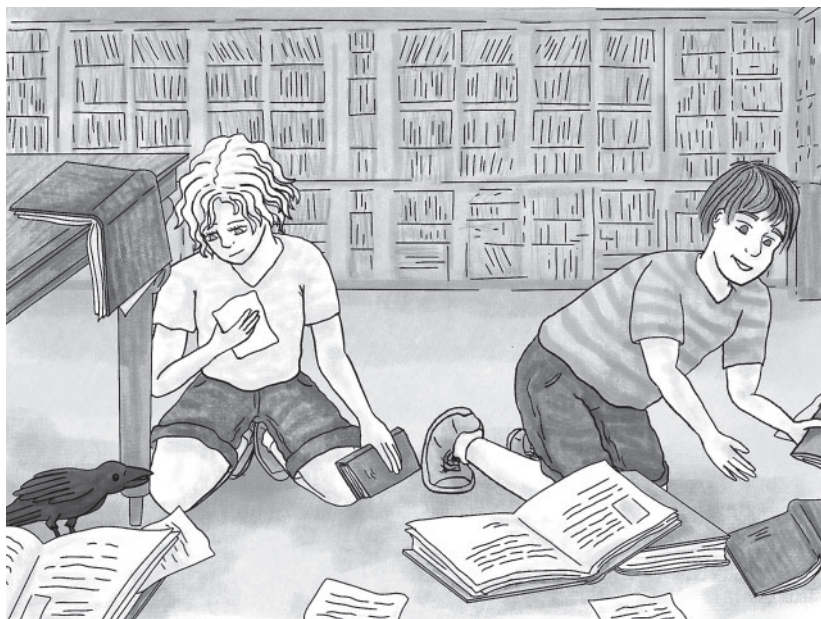
Daniel e Bia espreitaram por uma porta envidraçada, à esquerda, que dava para um corredor com móveis castanhos até ao teto, de um lado e de outro.

— São os corredores do Fundo Antigo. A vossa madrinha pediu-me para lhes mostrar uma sala que adorou e que, habitualmente, se encontra fechada ao público, sendo só visitável através de marcação, ou quando decorrem cá eventos. Iremos terminar lá!

Os jovens entreolharam-se, entusiasmados.

— Vocês nem vão acreditar quando a virem! É fantástica! — exclamou a madrinha, entusiasmado-os ainda mais.

— A nossa biblioteca tem um dos maiores arquivos da rede de bibliotecas do país, contendo mais de vinte mil manuscritos valiosos e mais de duas mil obras musicais dos séculos XVIII e XIX — ia dizendo Tânia, conforme subia a



escadaria de mármore. — Até temos uma edição de bolso de *Os Lusíadas*, datada do século XVII!

— Que fixe! — exclamaram todos, encantados.

Percorreram as salas e chegaram perto de uma grande mesa, coberta de várias pilhas de livros de aspeto antigo, encadernados.

— Ena! Tantos livros!

— Recebemos este fundo bibliográfico de uma família que vive em Elvas e estamos a catalogá-los, o que é um processo moroso. Alguns livros são bastante antigos e são todos encadernados em pele — informou Tânia, encaminhando-os para a sala seguinte, enquanto conversavam.

Bia, para espreitar o título de um, encostou-se demasiado à mesa e derrubou algumas pilhas de livros, não só sobre os outros, mas também para o chão. Ficou corada como um tomate, embaraçada. Olhou em volta, mas os outros iam já à frente e não deram por nada. Só Daniel se virou para trás e

correu para ela, compreensivo. Imaginou o pânico que sentiria se estivesse no seu lugar.

João soltou um gritinho e voou para baixo da mesa.

Bia olhou atarantada para as pilhas derrubadas sobre a mesa. Fez uma careta, estremecendo. Misturara-os todos e não sabia se isso era inconveniente ou não.

Enquanto o primo tentava criar novas pilhas, ela apressou-se a pegar nos livros derrubados no chão, porém, as mãos tremiam-lhe tanto que os deixou cair aos pés, ficando com o coração aos saltos dentro do peito e ainda mais corada.

— Ai, Daniel! Os livros são muito antigos e valiosos, e eu posso ter danificado algum. Felizmente, são todos encaderados e, com alguma sorte, nenhum se estragou.

Estavam os dois atarefados a recolher os livros do chão, atarantados por não saberem a que pilha pertenciam.

— Nós a pensarmos que o *João* é que se iria portar mal e afinal... — comentou Daniel, tentando fazê-la sorrir. Bem percebia que a prima ficara mortificada com o acontecido.

Nisto, entreolharam-se, sobressaltados. *João* permanecia calado há demasiado tempo. Olharam em volta, apreensivos, e deram com ele debaixo da mesa, inclinado sobre um livro que deslizara para mais longe.

O coração quase lhes caiu aos pés quando viram que parte de uma folha saía de um livro, puxado pelo seu bico forte.

— Ai, Daniel! Estamos fritos!

«Ai, Daniel, estamos fritos! *Mamma mia!*»

— *João*! Larga já o livro!

Ajoelharam-se no chão e afastaram-no sem a menor cerimónia, arrancando-lhe um gritinho de indignação. Finalmente, conseguiram tirar-lhe o livro e depois arregalaram os olhos de susto e de surpresa.

Afinal o corvo não rasgara nada. A folha em questão

estivera entalada entre a capa e a encadernação, dobrada ao meio. Com a queda, certamente, soltara-se um pouco e os olhinhos espertos do corvo tinham visto e, curioso como era, não resistira a puxá-la com o bico.

Os primos entreolharam-se perplexos, e quase sem fôlego.

— É um segredo!